



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPEs – LATINDEX
Nº. 13 – Ano VII – 05/2018
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Entre culturas, mediações e mídias: a arte do ensino pela arte do cordel no território de Irecê-BA

Prof. MSc. Eliseu Pereira Couto
Mestre em Estudo de Linguagens - UNEB
Doutorando em Educação e Diversidade – UFBA
<http://lattes.cnpq.br/4748984561912617>
E-mail: zeu_uefs@hotmail.com

Profª. Drª. Maria do Socorro Silva Carvalho
Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo- USP
Pós-Doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS
Docente da Universidade do Estado da Bahia - UNEB
<http://lattes.cnpq.br/9613523118543500>
E-mail: msscarvalho2@gmail.com

Resumo: Este artigo trata de algumas das relações entre a Literatura de Cordel e o processo educativo a partir da atuação de um grupo de poetas do Território de Identidades de Irecê, na Bahia. Hoje, o cordel está presente na internet, no vídeo documentário, na televisão, no rádio, na música, no jornal e no livro, testemunhando a afirmação de Canclini (2008) acerca das estratégias das culturas populares para “competirem” no mercado global. Entre o tradicional e o moderno, o “antigo” e o novo, o global e o local, os cordelistas arte-educadores mostram para o mundo a relação de uma expressão popular tradicional entre resgate, convivência e transformação, circulando em um ambiente dominado pela produção mediada dos meios de comunicação, cujos processos interagem com suas criações em folhetos de cordel. Atualmente, tem-se em Irecê uma produção escrita por poetas próximos à Academia, que não mais oferecem seus cordéis estendendo esteiras nas feiras livres nem abrindo malas nas ruas. Agora eles usam a esteira da comunicação eletrônica e, em vez das malas, abrem os sites, blogs e páginas nas redes sociais.

Palavras-chave: Educação. Cordel. Cultura. Ensino. Escolas.

Introdução

A área que se denomina Território de Identidade de Irecê¹, corresponde em parte ou integralmente aos municípios de Irecê, João Dourado, América Dourada, Canarana, Lapão, Jussara, Ibititá, Ibibeba, Ipupiara, Itaguaçu da Bahia, Barra do Mendes, Mulungu do Morro, Gentio do Ouro, Xiquexique, Uibaí, Central, São Gabriel, Presidente Dutra, Barro Alto e Cafarnaum, conforme divisão do governo do Estado da Bahia para melhor adequação das políticas culturais, econômicas e ambientais.

No princípio da formação desse território o cordel era uma literatura da voz. E ainda continua sendo. O cordel é essencialmente oralidade, musicalidade e poesia. No Sertão de Irecê o “trançado” do cordel tem seu início pela boca dos mais velhos que narravam as histórias para as novas gerações. Amigos, chefes de família se reuniam em torno das rodas de fogueiras perante um narrador que contava os acontecidos nos cordéis.

O público presente não sabia ler a palavra escrita, mas eram leitores dessa literatura “porque ler para os habitantes da cultura oral é escutar, mas essa escuta é sonora”, como nos afirma Martim Barbero (2001, p. 60). Foi nesse ambiente e diante desse cenário que alguns dos cordelistas cresceram. Ouvindo seus familiares recitarem os cordéis dos poetas consagrados como Patativa do Assaré, Rodolfo Coelho Cavalcante, Leandro Gomes de Barros, entre outros. Folhetos vindos de fora, de outras regiões do país e comercializados nas feiras da região de Irecê. A cada vinda dos folheteiros às feiras, era como se anunciassem o novo capítulo da novela. A emoção de comprar um novo folheto invadia o público que era atraído pelo entretenimento que estes oferecem. Nesse meio já havia alguns futuros cordelistas que estabeleciam contato - ainda na infância - com os cordéis.

Nesse universo, a presença de um narrador é indispensável para a garantia de preservação e continuidade da história. A narração, para Walter Benjamin (2000), é uma forma artesanal de comunicação, uma predisposição do narrador e do ouvinte, que assegura que a história precisa ser ouvida e guardada. O cordel parece

¹ Ver <https://territoriosculturaisbahia.wordpress.com/divisao-territorial/>. Acesso em: 04/07/2017

estar nesse entroncamento de um produto artesanal - feito à mão - e um produto de consumo de massa. No caso dos poetas, os narradores estavam entre os familiares e amigos que sabiam ler e passavam as histórias de cordéis para os demais. Ou também entre aqueles que não liam, mas tinham casos guardados na memória, pelas experiências de escuta de outros narradores. O fruto desse contato resultou, anos depois, em uma produção não mais vinda de outros lugares, mas do próprio território.

Segundo depoimento do cordelista Antônio Régie, provavelmente o primeiro cordel escrito, produzido com temática regional data de 1930 e se intitula *As minas de cristal de Gabriel*. Esse cordel já havia se perdido e foi resgatado da oralidade pelo cordelista. Entretanto, é a partir do ano de 1990 que se inicia uma produção escrita de cordéis por poetas da região, fruto das narrações em família e das rodas de fogueira. Seguindo essa trilha, esse trabalho tem como objetivo apresentar os cordéis como instrumento que contribui nos processos de leituras, letramento e ensino-aprendizagem. Os cordelistas partem de uma época na qual o domínio da leitura e escrita era para poucos e chegam até a universidade. Atualmente, tem-se em Irecê uma produção de cordéis por poetas acadêmicos ou estudados, que não mais estendem a esteira nas feiras livres nem também abrem a mala. Agora eles estendem a esteira da comunicação através dos meios eletrônicos e ao invés de abrirem a mala, abrem os sites, blogs e páginas nas redes sociais.

Cordéis: de uma escuta sonora à produção escrita

O cordel escrito, materializado em folhetos, começa a surgir em Irecê a partir da década de 1990 e é inspirado primeiramente pelos folhetos dos cordelistas clássicos, que eram vendidos nas feiras livres, depois pelas leituras que se faziam em família, nos grupos de amigos e nas rodas de escuta. Ainda meninos, os poetas já liam ou ouviam leituras de seus pais ou amigos, bem como performances de alguns poetas que já tinham uma intimidade maior com o cordel, mas que não o publicavam na forma de folheto. O cordel contribui desse modo, para o processo de letramento, pela forma como essa literatura é construída: com seu embasamento na

oralidade, com sua musicalidade e rimas que facilitam a memorização e, consequentemente, o aprendizado dos costumes culturais.

Esses textos de cordéis são caracterizados por serem recitados em voz alta, hibridando-se com o teatro corporal e a *performance* do recitador. “Uma literatura que, ausente por inteiro das bibliotecas de seu tempo, foi, contudo, a que tornou possível para as classes populares o trânsito do oral ao escrito.” (MARTIN-BARBERO, 2001, p. 155). Vejamos o que nos diz o cordelista Silva Dias, sobre esse trânsito cordelino oral/escrito:

Eu já conhecia o cordel desde pequeno, meu pai comprava. A gente lia muito em casa. O cordel de certa forma ajudou a gente a se alfabetizar. Dentro de casa a gente tinha sempre o costume de ler folhetos que a gente comprava na feira em Central. (Informação verbal).²

A leitura de cordéis é diferente daquela que projeta uma imagem de leitor ideal, solitário, agente centrado em si mesmo. A característica dessa leitura é ser feita em voz alta, sendo que aquele que escuta também se torna um leitor externo, que participa da leitura junto com os que estão a escutar. Segundo Martin-Barbero (2001), para os habitantes dessa cultura oral, ler é escutar uma escuta sonora, como a dos públicos populares no teatro e, ainda hoje, nos cinemas de bairro, com seus aplausos e assobios, seus soluços e suas gargalhadas. Leitura, enfim, na qual o ritmo não marca o texto, mas o grupo e em que o lido funciona não como ponto de chegada e fechamento do sentido, mas, ao contrário, como ponto de partida, de reconhecimento e colocação em marcha da memória coletiva. Uma memória que acaba refazendo o texto em função do contexto, tornando-se a escrevê-lo quando é utilizado para externar as vivências do grupo.

São dessas experiências com os narradores do sertão em tempos passados que os cordelistas reescrevem as histórias do lugar, denunciam as mazelas sociais, defendem um sertão mais liberto da ação do homem que “descatinga” o chão. É em função de um novo contexto, o de um sertão urbanizado, que os poetas empreendem a releitura dos cordéis passados, fazendo emergir histórias as quais as

² Trecho de entrevista com o poeta Silva Dias, em Irecê, concedida em 18/05 de 2013.

novas gerações não teriam acesso se não fosse a atuação desses narradores da escrita.

Em uma época na qual a leitura da escrita era raridade, aqueles que “dominavam as letras” eram os forasteiros narradores dessas histórias que enchiam o sertanejo de alegria, fazendo brotar sonhos e projetos de vida. Os folhetos que chegavam às feiras exerciam um fascínio no público, a começar do olhar lançado sobre as capas com suas gravuras, sendo isso um dos primeiros atrativos para a compra dos cordéis. As capas dos folhetos, segundo depoimento de Silva Dias, chamavam mais a atenção dos leitores para a compra. “[...], por exemplo, o romance do pavão misterioso, o ‘cara’ olhava ali e já ficava com vontade de saber o que tinha ali dentro”.

Como as feiras das cidades da região acontecem num intervalo de oito dias, as pessoas aguardavam o momento da feira na expectativa de que o vendedor trouxesse novidades em relação aos folhetos de cordel. Foi nesse ambiente que os poetas entraram em contato com os “clássicos” do cordel, como afirma o poeta Silva Dias: “foi ali que nós conhecemos *João Acaba Mundo*, *As aventuras de João Grilo*, *A história do pavão misterioso* e mais uma série de tantos outros cordéis”. Esses cordéis vinham de outros estados, como Pernambuco, Ceará e Paraíba. Com base nos depoimentos dos cordelistas, observa-se que havia pouca produção da Bahia e nenhuma produção escrita de poetas da região de Irecê.

Essa novidade do cordel vindo de fora e vendido na região foi o que ajudou na alfabetização de muitas pessoas, inclusive de alguns cordelistas que escutavam dos seus pais as histórias, segundo depoimentos colhidos, aprendendo a ler através do contato com os folhetos. Desse contato com os cordéis vindos de outros lugares para a região, das escutas de estrofes, da fascinação com as capas, os títulos e as temáticas surgiu um “novo cordel” em Irecê, conforme os cordelistas, sendo que as publicações só aconteceram a partir do ano 2000, com poetas como Chico Leite, André Marques, Silva Dias e Antônio Régie. Essas produções abordam as temáticas locais, defendendo o meio ambiente, a caatinga, os costumes e modos de vida do homem do Sertão, em pleno contexto de transformação de uma região agrícola para uma região urbana onde cresce a atividade comercial.

Tomando a época em que os cordéis eram vendidos nas feiras e a produção dos cordelistas até a publicação de cordéis escritos na região, percebemos que houve um período, na década de 1980, em que eles saíram um pouco de cena, reflexo de um contexto histórico no qual a presença do rádio e da televisão ocupa quase todo o espaço das narrativas. Nesse período, a literatura de cordel viveu uma “crise” de competitividade frente a esses “meios eletrônicos de interação”, o que deflagrou uma escassez de novos autores e, conseqüentemente, a ausência de novos folhetos, crise essa também provocada pelo encarecimento do papel e dos custos de produção.

O interesse pela literatura de cordel voltou a crescer após pesquisadores universitários e estudiosos, como Mark Curran (1998), Joseph M. Luyten (2007), dentre outros tantos, tomarem os folhetos como objeto de pesquisa e de ensino. Autores cujas obras não se dedicam apenas a apresentar os textos cordelinos, mas a refletir sobre sua estrutura formal, seus temas mais frequentes, seus autores e suas histórias. Dessa forma, pensando com Jerusa Pires Ferreira, “foi sendo construído o conceito de cultura das bordas, a partir da consideração de espaços não canônicos, trazendo para o centro da observação, os chamados periféricos, privilegiando segmentos não institucionalizados.” (FERREIRA 2010, p. 11).

O cordel chega às pesquisas acadêmicas na década de 1990. As discussões que surgiram daí é que essa literatura vinha apresentando um declínio na sua produção, devido ao surgimento e massificação dos meios de comunicação, como a televisão e a internet. Esse “período de declínio” talvez representasse um tempo de aceitação e adaptação, uma vez que o cordel surpreende e inova, englobando a internet como novo suporte. Não são os meios que aceitam os elementos da cultura popular, essa sempre existiu, mas a cultura do cordel é quem abraça os meios de comunicação em seu benefício.

Entretanto, o meio acadêmico de Irecê tarda para “abraçar” o cordel e suas culturas regionais. O primeiro evento organizado, voltado para o cordel e suas manifestações na UNEB de Irecê, acontece em 2012, idealizado pelo professor Orlando Freire Junior, que orientou um projeto com os alunos do Curso de Letras intitulado *literatura de cordel: a arte cultural popular em múltiplas linguagens no Território de Irecê*.

Esse primeiro evento, ainda tímido, aconteceu somente em nível local/regional com alguns poetas da terra. Já o segundo seminário que aconteceu entre os dias 22 a 24 de maio de 2013 foi mais bem organizado, colocando o cordel no fio das discussões acadêmicas. O evento contou com oficinas, mesas redondas, minicursos, palestras e com a presença de outros professores universitários como Amarino Queiroz e Helder Pinheiro da UFCG. Participaram do evento também poetas da capital como Bule Bule, Antônio Barreto e o Maxado Nordestino (Franklim Maxado), cordelista de Feira de Santana e idealizador do Museu Casa do Sertão da Universidade Estadual de Feira de Santana.

O evento cultural ganhou repercussão na rede através da criação de um blog³ dedicado à divulgação desse II Seminário. No blog estão expressas a apresentação e propostas do projeto, programação completa com fichas de inscrições disponível e uma galeria de fotos do primeiro evento. O blog também reserva um espaço para recados ou críticas e nele se podem assistir alguns vídeos da programação.

Hoje, o cordel se exhibe através de vários meios, como a música, o livro, o vídeo documentário, o jornal, a televisão, o rádio e a internet, testemunhando a afirmação de Canclini (2008) acerca das estratégias das culturas populares para “competirem” no mercado global. Os diversos meios só ajudam ainda mais a proliferação do cordel, que se mistura com as novas mídias, representando não só o local, mas, ainda segundo Canclini (2008, p.100), fazendo parte de uma cultura *glocal*. “Vive-se o popular-local conforme se padece a globalização ou se participa dela”.

Do universo das oficinas nas escolas ao universo da universidade

Decidimos montar um circo cultural, pensando na itinerância da ideia, desenvolver um site na internet, fundar uma Liga Literária Regional, desenvolver oficinas com temas ligados a arte e fundar um jornal. Usaremos esse meio de comunicação com o mais nobre dos objetivos: promover a cidadania, a educação, o senso crítico com o apoio da arte que pulsa em nossas veias. (FERREIRA, 2009:01).

³ <http://cordeluneb.blogspot.com.br/>

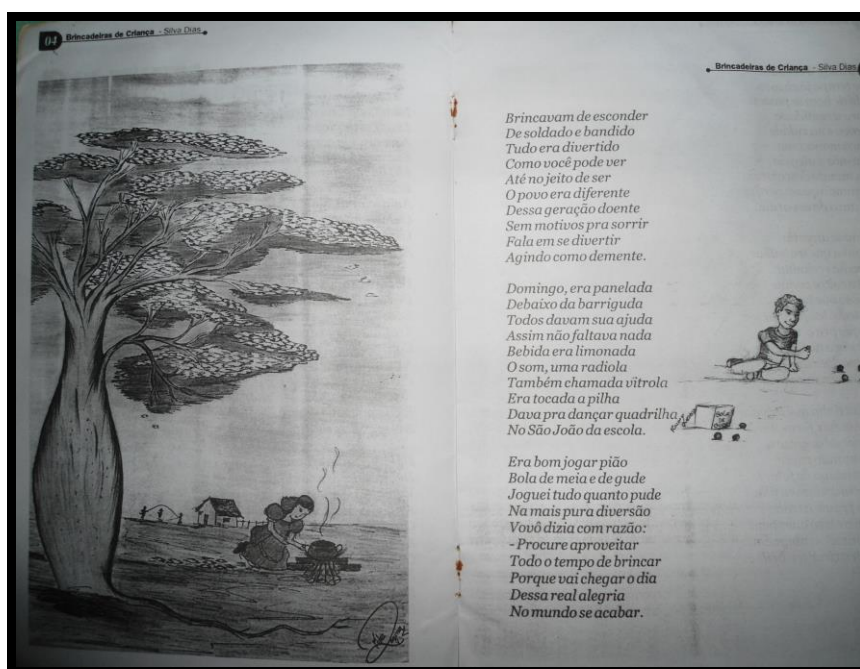
Em depoimento, o cordelista Antônio Régie afirma que está “catalogando todos os mitos e lendas de São Gabriel para deixar no cordel” com o objetivo de usar os folhetos como ferramenta que facilite o ensino nas escolas da região, já que o cordel é uma mistura de linguagens que permite o trabalho em mais de uma área do conhecimento. Intenção também explicitada em uma minibiografia presente em um de seus cordéis.

Através desta ferramenta, tem-se um caminho facilitador no trabalho com a matemática, gramática, história, geografia, humanismo social, etc. Autor de dezenas de cordéis, o autor é militante e pesquisador da cultura popular. (RÉGIE, 2008:09).

Os poetas estão nas escolas da região com projetos voltados para a divulgação do cordel e da cultura local. Esse trabalho foi iniciado pelos poetas André Marques e Chico Leite e solidificado pelo poeta Silva Dias, que criou o Projeto Cordel na Escola Viva, proposto para os municípios da região. Um dos folhetos trabalhados com os alunos o leva até a Universidade de São Paulo (USP), a convite da antropóloga Rozangela Bitencourt, que teve contato com o folheto na região de Bom Jesus da Lapa-BA por ocasião da greve de fome do bispo Dom Luís Flávio Cappio contra o projeto de transposição do Rio São Francisco. O cordel *A Caatinga na visão de um simples camponês*, fala da destruição do bioma caatinga sob a ótica de um camponês, também publicado pelo MEC/PROFA em 2003. Vejamos um trecho do prefácio desse folheto, onde o poeta fala do trabalho na escola e da participação da equipe escolar.

Este livreto vem com sua 2ª edição ilustrada pelos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental do Colégio Cláudio Abílio Aragão, num projeto de leitura aplicado pela professora de Artes Plásticas, Ana Paula Cavalcante Rodrigues, no período de setembro a outubro do ano letivo de 2004, sob a coordenação de Kátia Nunes Barreto de Brito e Daniela Lopes Dourado, com a devida autorização do Diretor do Colégio, Dr. Jorge Rodrigues e dos pais dos seguintes alunos: Alex Bezerra Dias; Bruno oliveira da Silva; Caik Souza Queiroz; Carla Genuína C. Oliveira; Débora Oliveira Moraes; Isadora Sirqueira Gama (minha querida sobrinha); Layla Vitòria V. Freitas; Mainara da Silva Oliveira; Mário Gabriel F e Souza Barri; Marcelo Pereira Souza e Pedro Augusto C. Menezes. A todos esses e aos meus filhos Átila e Lívia Dias, que ilustraram os bichos, agradeço mui carinhosamente e dedico este trabalho. (DIAS, 2004:14).

Os alunos se encarregaram das ilustrações que seguem todas as páginas do folheto, mostrando árvores e bichos da caatinga. Segundo o cordelista, “eles fizeram a produção dos desenhos na visão deles”. O poeta tenta passar a “paixão” que nutre pela preservação do que resta da caatinga na região. Ele dedica o trabalho “também a todos aqueles que, com muito suor derramado, têm lutado para manter viva a chama do amor e do respeito pela caatinga e pela preservação da natureza.” (DIAS, 2004:14). A figura 1 demonstra essa relação do poeta e das crianças com o mundo:



Fonte: registro de pesquisa dos autores

As oficinas de cordéis nas escolas buscam levar esse universo para as crianças e adolescentes, incentivando a valorização do patrimônio cultural local, bem como descobrir novos talentos da literatura de cordel. O poeta Chico Leite faz esse trabalho continuamente, pois, além de cordelista, foi professor da educação básica e atualmente é professor auxiliar da Fundação Universidade Federal do Tocantins, portanto vive o universo da sala de aula e para além dela. O poeta Antônio Régie, que atualmente é estudante de Letras na Universidade do Estado da Bahia, também fala com entusiasmo das oficinas de cordel e cita a compra de um caminhão-baú adquirido pela Fundação Culturarte de São Gabriel, cujo objetivo é levar o cordel, através de oficinas ministradas pelos poetas, para todas as cidades do Território de

Irecê, em uma espécie de escola itinerante. Todos os poetas estão envolvidos com o cordel na escola.

Atualmente um dos meios que congrega esses artistas é o movimento cultural do Instituto Balaio de Gente⁴, através da internet e do jornal *O Balaio*, espaços de “encontros” através das publicações que promovem a intersecção entre o cordel escrito e o cordel nos meios tecnológicos. A coluna do jornal que tem os textos produzidos pelos poetas é batizada de *Glosas, Motes e Poesias*, por ser um espaço onde os cordéis são publicados com base em um mote, que é um tema escolhido pelo poeta criador e repetido em todas as glosas (estrofes de dez versos) formadas a partir do mote dado, servindo de base para a criação da décima e que deve obrigatoriamente aparecer no final da estrofe, conforme podemos observar a seguir:

Rudia de cascavé
Mote: Cláudio Novaes
Glosas: Chico Leite

O legítimo sertanejo
Não liga para lordeza
E se falta a farta mesa
Pra ele não tem trujejo,
Ele diz: o que almejo
É ter um amigo Zé
Pra quando em vez tomar mé,
Mesmo sem ter nem um puto...
Trabissêro de matuto
É rudia de cascavé.

Sujeito dismantelado
Não tem receio e sobroço,
Vive sempre sendo moço,
Pra ele nada é errado.
Se deita de qualquer lado;
Come de cóca ou em pé;
Em vez de medo tem fé;
Em vez de besta é astuto.
Trabissêro de matuto
É rudia de cascavé.
(LEITE, 2012:04)

⁴ O Instituto Balaio de Gente faz parte de uma história de mais de 16 anos de trabalhos e militância pela arte como instrumento de transformação social e humana. Desenvolvido por um grupo de artistas no Sertão da Bahia, foi fundado em 10 de março de 2000, funcionando desde então como Instituto Cultural independente.

Temos também um ABC de cordel dedicado inteiramente ao professor, o que confirma a valorização da educação por parte desses artistas que tem no profissional da educação “a mais importante personalidade de nosso país e de todo o mundo”. (DIAS, s/d, p. 07). No livro ABC do Professor, Silva Dias traz a mistura de cordel, poesia, textos reflexivos com interrogações a respeito do papel e desafios de um educador. Na segunda parte do livro, por exemplo, encontramos questões como: o que é educação? Como está a educação hoje em relação ao século passado? Mudou? Qual é o papel do educador? Está sendo executado? E quanto aos desafios da profissão? O que alegria e o que entristece um professor?

Segundo o poeta, o propósito do livro é homenagear o professor como a mais importante personalidade do nosso país e do mundo, despertando a consciência daqueles que ainda estão em estado de dormência ou de ignorância, não assumindo o papel que cabe à educação. E o cordelista traduz: “falo tanto do estado, como da Igreja, das famílias e dos professores que ainda não fizeram caso das suas responsabilidades sócio-educacionais”. (DIAS, s.d, p. 07). Vejamos duas décimas sete silábicas em que o poeta dá o antídoto contra a dormência e a ignorância em relação à educação:

Minha arma é a fala
A força dentro do peito
Tem poderoso efeito
E, portanto, não se cala
Mas a verdade abala
As raízes do poder
Tamanho é o proceder
Injusto do transgressor
Castiga o professor
Age sem retroceder.
[...]
Queremos uma liderança
Unida e consciente
Ágil e eficiente
Livre da intemperança
Intuita a instância
Fidedigna, real
Incontestável, leal
Capaz de curar a dor
Arcaica do professor
Retraindo esse mal.
(DIAS, s.d, p.p 10, 11).

Também os melhores textos resultantes das oficinas vão para o jornal *O Balaio*, como forma de incentivo à leitura e produção por parte dos alunos. Tanto os textos selecionados como os publicados no jornal estão arquivados no Instituto Balaio de Gente, podendo servir como fonte de pesquisa e estudo por estudantes que porventura vierem a interessar por eles.

Considerações finais

Desse panorama, certamente incompleto e inconcluso, e tendo em vista as ricas possibilidades de abordagem que os folhetos propiciam, importa saber que o contato com eles é sempre marcado pelo gosto de literatura, comunicação, aprendizagem, educação e cultura. Sua voz não tem a pretensão da imposição, mas o constante evocar da representação, da descoberta cultural artística. Quer como tema, quer como base para pesquisa, é inegável a força da literatura de folhetos nos meios massivos de comunicação e a atuação dos cordelistas nesses meios que espalham as sementes da cultura popular em solos que garantem bons frutos e uma boa colheita.

Poetas como Silva Dias, Pedro Viola, Paulo Cordel, Chico Leite, Antônio Régie e André Marques, entre outros, asseguram à literatura de cordel no Território de Identidades de Irecê uma produção artística fértil, sobretudo humanizadora, em época tão conturbada como a que se vive na atualidade. Os cordéis produzidos, então, registram as “caras” dessa atualidade, trazendo acontecimentos que nem sempre divertem, mas mostram a realidade de um sertão em movimento. Entre o tradicional e o moderno, o “antigo” e o novo, o global e o local, mostrando para o mundo através dos meios tecnológicos a relação de uma expressão popular tradicional em resgate, convivência e transformação, circulando em um ambiente dominado pela produção mediada dos meios de comunicação, cujos processos marcam as manifestações populares dos cordelistas em seus folhetos de cordel.

REFERÊNCIAS:

BENJAMIM, Walter. **O narrador**. In: Magia e Técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 2000.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Latino-americanos à procura de um lugar nesse século**. São Paulo. Iluminuras, 2008.

CANCLINI, Néstor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

CURRAN, Mark J. **História do Brasil em Cordel**. São Paulo. Edusp, 1998.

DIAS, Silvanito. **Caatinga: um grito de socorro pela vida na visão de um simples camponês**. Irecê, 2004. Folheto de cordel.

FERREIRA, Cleiton Eduão. Chegou pra ficar. **O Balaio**, Irecê, 17 set. 2009. Ed. 001, p. 01.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Cultura das bordas: edição, comunicação, leitura**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

LEITE, Francisco Roberto. Rudia de cascavé. In: **O Balaio**, Irecê, 20 mai. 2013. Ed. 012, p.04.

LUYTEN, Joseph Maria. **O que é literatura de cordel?** São Paulo. Brasiliense, 2007.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

RÉGIE, Antônio. **ABC da Cantoria de São Gabriel**. São Gabriel, 2008. Folheto de cordel.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)
Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 05/2018

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424
Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*
(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,
em diversas áreas do conhecimento.